

# Desvendando Paulo Moura

**LIVRO** Artista falecido em 2010 revela em biografia os caminhos de sua genialidade, que se confunde com a própria história da música

**José Teles**  
teles@jc.com.br

**P**aulo Moura, falecido em 10 de julho do ano passado, aos 77 anos, foi um músico cujo talento é totalmente merecedor de hipóteses. Um dos maiores músicos que o País já conheceu, que trafegou por todas as nichos da música, do samba de latada a Stravinski. Um músico que aos 22 anos teve a petulância de, no primeiro disco, um 78 rpm, gravar com clarineta o *Moto perpétuo* de Paganini no lado A e *O voo do besouro*, de Rimsky-Korsakov, no lado B. O *Moto perpétuo*, composto para violino, é uma peça difícilíssima, tem cerca de cinco minutos de duração ininterrupta, mais ou menos 2.700 notas em sequência. Para interpretá-la na clarineta, Paulo Moura precisou se valer de uma técnica que não inventou, mas aperfeiçoou.

“Para tocar todas essas notas sem tirar o instrumento da boca do início ao fim, e assim não interromper o sopro, fui experimentando aumentar a quantidade de notas que eu tocava enquanto soltava o ar das bochechas. Essa foi a inovação: tocar várias notas, não uma só, ao mesmo tempo em que solto o ar das bochechas e, dessa forma, manter o sopro contínuo. Para isso interrompo a passagem de ar que vem do pulmão acumulando-o nas bochechas. É nessa hora que faço a respiração. Em resumo, a expiração e a inspiração se dão simultaneamente sem que eu afaste o instrumento da boca – a única forma de encerrar mais de 2.700 notas durante mais de quatro minutos.” Essa explicação dele foi pinçada do livro *Paulo Moura: um solo brasileiro* (Casa da Palavra, 240 páginas, R\$ 55, edição bilingue com um CD bônus), da psicanalista Halina Grynberg, que foi mulher do músico durante 26 anos.

*Um solo brasileiro* é uma biografia não convencional. Na intimidade de casa ela encetou longas conversas com Paulo Moura, instigando-o a contar sua vida, a comentar sua carreira. Tarimbada por uma profissão que ensina a ouvir e a só falar quando isto lhe é exigido, Halina Grynberg leva o marido a mergulhar no passado, a relatar a infância de menino pobre e negro na branca

“

Uma das partituras que mais gosto, a qual volto sempre, é *A sagração da primavera*, de Igor Stravinski. Nesta partitura foram antecipadas muitas coisas que agora estão presentes até na música popular: usar, em cima de um acorde só, o modal, a superposição de acordes.”

“

E Tinhorão ao comentar o LP que gravei com Gismonti, criticou o saxofonista tenor que, segundo ele, era uma cópia ruim de Stan Getz... não tinha um estilo brasileiro, muito americanizado. Imagine, enganou-se até no instrumento, pois toquei sax-soprano.”

“

Desde que comecei a tocar com Jayoleno dos Santos, na Escola Nacional de Música, passei a utilizar a embocadura dos dentes para clarineta. Foi ele quem sugeriu a apoiar a parte superior da boquilha com os dentes, porque dá mais resistência.”

São José do Rio Preto (SP). O pai, músico, tocava, como Paulo Moura lembra, “num clube de negros”, onde ele começou aos 11 anos tocando clarineta. Quase todos seus irmãos foram músicos, alguns em orquestras importantes, mas nenhum conseguiu o mesmo destaque. Paulo Moura uniu o talento com a persistência e insistência de não se limitar a tocar para ganhar a vida. Procurou até o fim da vida o aperfeiçoamento estudando todos os dias.

“Eu tinha 18 anos e já tocava em gafeira por aí quando tive a sorte de ser convidado para a Orquestra Osvaldo Borba, que toca-

va na Rádio Globo. Esse foi meu primeiro contrato. A orquestra era quase toda composta por músicos da orquestra de Zaccarias. Ali comecei a ser profissional”, conta Moura, que tinha a sorte de ser o músico certo no local certo. Assim estava na Tupi quando foi inaugurada a televisão no Brasil: “Era tudo fascinante. Tocávamos uma ou duas vezes por semana num programa de televisão, nem lembro qual. Eu só sei que na inauguração da televisão, segundo o pessoal lá de casa, fui o primeiro músico a aparecer na telinha aqui no Rio de Janeiro”.

*Um solo brasileiro* é um livro imprescindível para músicos. Halina Grynberg direciona sempre o marido a falar de música, de sua música, da forma como faz música, de seus dons especiais, como é o caso do “ouvido interno”, que o capacitava a compor indiferente ao barulho a seu redor. A imersão na partitura: “Ver a página é o mesmo que ouvir, eu acho. A gente olha e ouve aquele som. Porque se você vê uma sequência simples vindo de baixo para cima na região média do piano – fá/si/mi bemol/sol –, você já sente aquele som praticamente como um sol, um sol com sétima, com acorde alterado. E esse acorde tem uma função: há certo tipo de emoção dentro de um contexto musical. E aí não importa o barulho que se esteja fazendo externamente”.

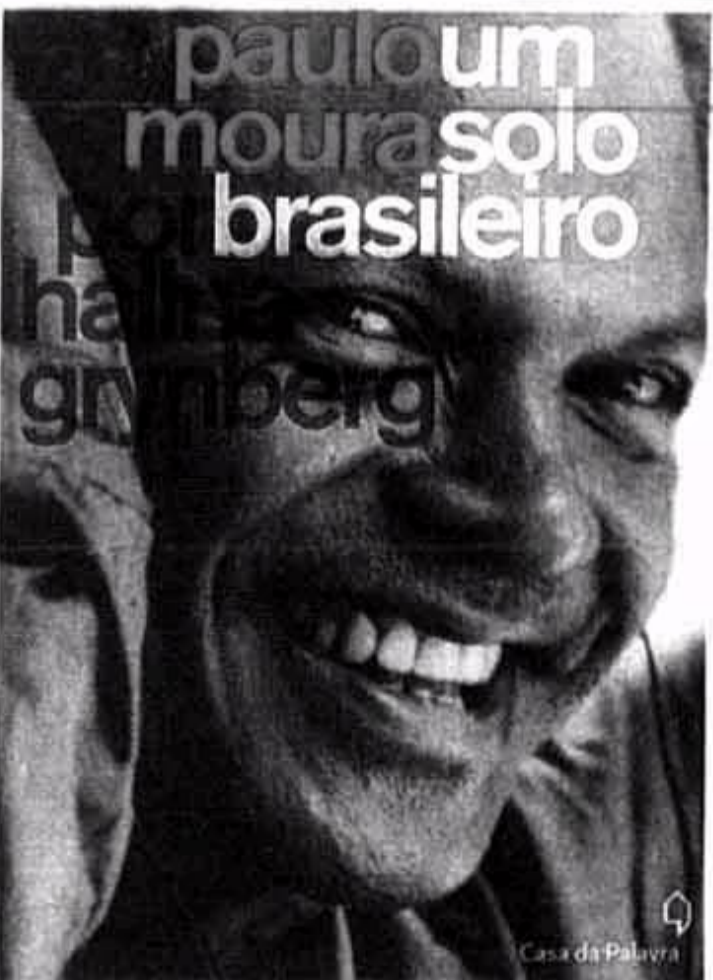
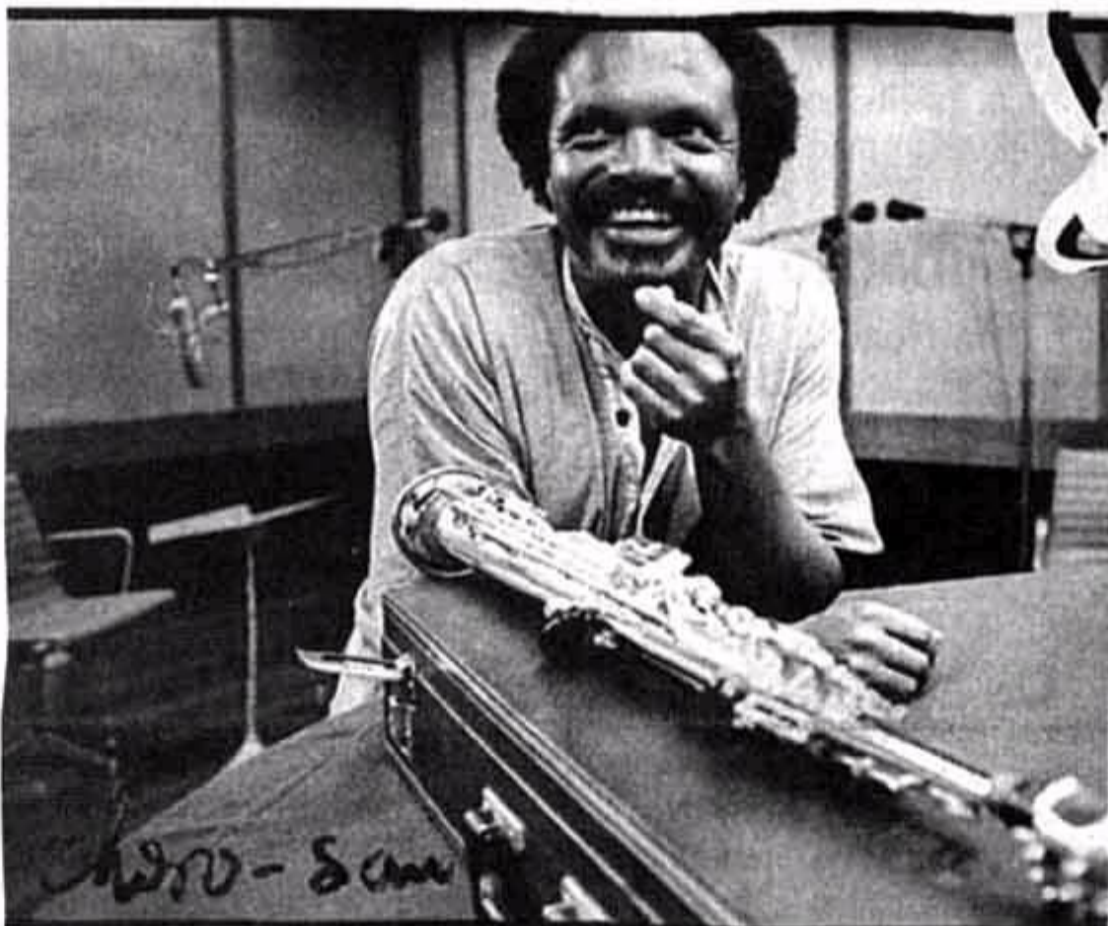
Músico concursado da Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (passou em primeiro lugar), a história de Paulo Moura corre lado a lado com a história da música brasileira. Ele participou da caravana de músicos que fez uma inusitada turnê pela antiga União Soviética, no fim dos anos 1950, para a qual ele montou um grupo – embora muita gente se recusou a ir com medo de ser boicotado na volta.

Paulo Moura participou do célebre e controverso concerto do Carnegie Hall que apresentou a bossa nova ao mundo. Na fase dos combos de samba jazz ele era um dos mais solicitados e tocou com os melhores da época.

A elegância e refino de *Um solo brasileiro* se assemelha a uma impecável partitura como as que Paulo Moura costumava escrever.



**UNIÃO** Paulo Moura e Halina Grynberg foram casados por 26 anos



**BIOGRAFIA NÃO CONVENCIONAL** Na intimidade de casa a psicanalista Halina Grynberg encetou longas conversas com o marido Paulo Moura instigando-o a contar sua vida e a comentar sua carreira

